

REGRINA E OS TRAÇOS DA MEMÓRIA: FOTOGRAFIAS E GENEALOGIAS NEGRAS

ODS 04 – Educação de qualidade
ODS 10 – Redução das desigualdades

Guilherme Alves Barbosa (Universidade de Taubaté – UNITAU);
Mirian Cristina de Moura Garrido (Universidade de Taubaté – UNITAU)

Ao instrumentalizar-se em controle dos códigos de representações sociais a produção da fotografia fabricara narrativas, condutas e visibilidades que ora silenciavam, ora moldavam sujeitos dentro de um quadro de poder racializado. É a partir desses horizontes que o projeto de pesquisa “A história de Regrina: (re)contos e (in)visibilidades”, em fase inicial, inscreve-se no esforço de compreender a genealogia afro-brasileira por meio das lacunas estruturais deixadas de escanteio na memória histórica nacional pelos apagamentos sistemáticos da escravidão e pelo racismo estrutural. A pesquisa, portanto, propõe refletir sobre a lógica do embranquecimento nas famílias negras ligadas diretamente e colateralmente ao estudo que se propõe, como estratégia de prestígio e de legitimação da humanidade no Brasil colonial e contemporâneo. No cerne deste estudo está a fotografia, entendida como artefato em campo de disputas sobre o que merece ser lembrado, enquadrado e transmitido. Busca-se compreender como a imagem se converte em testemunho, revelando continuidades afetivas e sociais antes invisibilizadas. A genealogia negra deve ser tratada como prática decolonial, ao valorizar a oralidade, as imagens, a culturalidade e as práticas sociais como fontes legítimas de memória, ao questionar modelo europeu dominante de heráldica. Como resultados preliminares, constatou-se que, mesmo diante das barreiras impostas, sujeitos negros articularam estratégias de pertencimento e preservaram sua memória tanto em registros oficiais quanto na oralidade. As fotografias, quando revisitadas sob essa conjuntura, evoca o Brasil e o continente africano, sobre silêncio e enunciação. Regrina da Silva Monteiro (1849–1936), mulher luso-afrodescendente, filha de Anastácia Umbellina, uma mulher escravizada e do Major Antônio da Silva Monteiro, exemplifica como memórias familiares negras foram constantemente silenciadas, reduzidas ou enquadradas em vínculos secundários nas narrativas tidas como oficiais. Reconstituir trajetórias afrodescendentes é também atravessar esse mar de silêncios, reaver vidas, nomes e rostos que resistiram ao apagamento. Por fim, considera-se que este trabalho integra um projeto maior, voltado à descolonização da genealogia afro-brasileira e à revalorização da imagem fotográfica como documento social e antropológico. A pesquisa incentiva e propõe debates acerca das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, ampliando o espaço de valorização da ancestralidade afro-brasileira e reafirmando a genealogia negra como ferramenta de enfrentamento ao racismo, bem como prática fundamentadora das políticas públicas étnico-raciais.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Genealogia afro-brasileira; Racismo estrutural; Memória; Descolonização